

**A ARQUIVOLOGIA NO BRASIL  
SEU “DESNUDAMENTO” COMO DISCIPLINA CIENTÍFICA  
THE ARCHIVAL SCIENCE IN BRAZIL  
ITS “STRIPPING” AS A SCIENTIFIC DISCIPLINE**

MARQUES, Angélica Alves da Cunha. *A arquivologia brasileira: busca por autonomia científica no campo da informação e interlocuções internacionais*. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Brasileiros, 2013. 328 p.

**WAGNER RIDOLPHI** | Arquivista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bacharel em Arquivologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio); especialista em Políticas de Informação e Organização do Conhecimento pela UFRJ e Arquivo Nacional; mestrando do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Unirio.

A identidade da arquivologia enquanto disciplina científica é um tema que perpassa grande parte da recente produção científica na área, suscitando ainda questionamentos. A obra *A arquivologia brasileira: busca por autonomia científica no campo da informação e interlocuções internacionais* traz uma inestimável contribuição para esse debate e é por si mesma uma evidência do amadurecimento da disciplina arquivística em nosso país. Afinal, é adaptação de uma tese de doutoramento que foi agraciada no ano de 2012 com três prêmios: o Prêmio Maria Odila Fonseca, concurso de monografias promovido pela Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB); o prêmio de melhor tese, concedido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib); e o prêmio de melhor tese, na área de ciências sociais aplicadas I, concedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério da Educação (Capes/MEC).

Sua autora, Angélica Alves da Cunha Marques, é arquivista e atualmente leciona no curso de arquivologia da Universidade de Brasília (UnB), estando desde 2013 credenciada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCINF/UnB). É bacharel em arquivologia (2003), mestra (2007) e doutora (2011) em ciência da informação pela UnB. Desenvolve estudos relacionados à trajetória da arquivologia como disciplina científica e a própria tese de doutoramento que deu origem ao livro é resultado de uma pesquisa desenvolvida

ao longo de dez anos, iniciada ainda na graduação, com um projeto de iniciação científica, desenvolvida na dissertação e aprofundada na tese premiada: *Interlocações entre a arquivologia nacional e a internacional no delineamento da disciplina no Brasil*. Em todos os trabalhos, ela contou com a orientação da professora doutora Georgete Medleg Rodrigues (UnB), que prefacia o livro.

A pesquisa desenvolvida tem como objetivo demonstrar as interlocuções entre a arquivologia nacional e a internacional e como elas têm contribuído para o delineamento da arquivologia como disciplina científica no Brasil, considerando suas relações com o campo da informação. Tendo como pressuposto a existência de intercâmbios nos dois contextos, Marques lança mão de uma metodologia denominada “método da história cruzada”, proposto por Werner e Zimmermann (2003), para buscar as interseções que se estabelecem entre as entidades e os objetos da pesquisa – no caso, as instituições, os profissionais, os professores, os pesquisadores, os cursos, os eventos, as obras e as pesquisas arquivísticas ou de áreas próximas –, considerando a complexidade de seus processos históricos.

Para analisar os dados obtidos, a autora recorre a diferentes abordagens, de acordo com o objeto em questão, sendo seus principais referenciais teóricos os conceitos de “campo dos acontecimentos científicos” (Foucault, 2005), “campo científico” (Bourdieu, 1983; 2001) e “campo transcienceífico” (Knorr-Cetina, 1981). Assim, através dessa interação, a autora busca traçar o campo científico-transcienceífico-discursivo da arquivologia que irá nortear sua pesquisa.

O livro se estrutura em dois grandes capítulos: “O campo da informação” e “A arquivologia no Brasil”. Ao final, apresenta ainda cinco apêndices com preciosos levantamentos que subsidiaram a pesquisa: manuais arquivísticos internacionais; obras arquivísticas nacionais; síntese dos referenciais teóricos da pesquisa; dissertações e teses arquivísticas (1972-2006); e grupos de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) recuperados com os descritores Arquivologia, Arquivística e Arquivo.

No primeiro capítulo, “O campo da informação”, Marques busca explorar a articulação entre práticas, discursos, *habitus* e tendências da configuração do campo da informação. Para isso, elabora uma sistematização do pensamento arquivístico no mundo, mapeando manuais, instituições, periódicos e eventos em que se faz presente a tradição arquivística. Também busca compreender a configuração do campo da informação, aqui entendido como aquele que engloba disciplinas que têm por objeto comum a gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação.

No primeiro item deste capítulo – Trajetória da arquivologia no mundo –, ciente da impossibilidade de abordar e discorrer sobre todas as práticas e teorias arquivísticas, a autora delimita seu recorte sobre objetos que permitirão evidenciar a tradição do pensamento arquivístico. Marques discorre sobre a trajetória histórica da arquivologia, tema já explorado em outras obras da área, mas tendo sempre como fio condutor a preocupação em evidenciar a passagem de um conjunto de práticas para o seu delineamento como disciplina, alcançando autonomia científica. Também procura demonstrar as transformações que esse processo histórico trouxe ao papel a ser desempenhado pelos arquivos e pelos arquivistas. Apresen-

ta um amplo e minucioso panorama da arquivologia no âmbito internacional, abordando, com o auxílio de quadros, os seguintes aspectos: as instituições arquivísticas; os princípios arquivísticos; os cursos de formação de arquivistas; a legislação arquivística; as obras de padronização da terminologia arquivística; informações sobre o Congresso Internacional de Arquivos e as *conférences internationales des tables rondes des archives* (Citra), eventos organizados pelo Conselho Internacional de Arquivos (ICA), além de outros eventos internacionais arquivísticos; os periódicos com temáticas arquivísticas; as associações de arquivistas no mundo; e ações de cooperação arquivística internacional.

Em seguida, também fazendo uso de quadros, apresenta uma síntese dos marcos da trajetória das práticas e do pensamento arquivístico internacional e relaciona as tendências práticas e teóricas da arquivologia, por período e também por autor. Enfim, seja para quem deseja conhecer a trajetória e os fundamentos da arquivologia, quanto para quem possui formação na área, trata-se de uma compilação digna de reconhecimento.

Ainda neste capítulo, Marques passa a discorrer sobre a trajetória das disciplinas que também compõem o campo da informação: museologia, biblioteconomia, documentação e ciência da informação. Cada uma é abordada em um item, no qual, de forma breve, a autora também traça um panorama histórico enfatizando a configuração de cada área como disciplina científica, elencando as instituições, os profissionais, os cursos e os eventos que as integram. Passa a seguir para a análise das alianças e conflitos da arquivologia no campo da informação. Usando o conceito de “sistemas de profissões” (Abbott, 1988), a autora trata das relações de parceria, cooperação e conflitos da arquivologia com outras disciplinas. Demonstra que com a supremacia dos Estados Unidos no cenário internacional, após a Segunda Guerra Mundial, preponderou a corrente de formação do arquivista mais próxima à do profissional da informação, em detrimento da corrente que preponderava na Europa, fiel aos arquivos históricos e que não se aproximava da biblioteconomia.

No item seguinte, Marques trata da harmonização das disciplinas das informações, tratando das instituições, eventos e outras iniciativas que buscam aproximar e estabelecer uma ação comum para os profissionais de arquivos, bibliotecas e museus. Apresenta ainda uma proposta de tronco comum nos estudos de documentalistas, bibliotecários e arquivistas. Por fim, trata do caso brasileiro e da posição da arquivologia na Tabela das Áreas do Conhecimento (TAC) do CNPq, em que é classificada como subárea da ciência da informação, a qual, por sua vez, integra a grande área das ciências sociais aplicadas. Optando por não entrar na discussão que envolve a definição de fronteiras entre as disciplinas da informação, questiona se já não seria a hora da arquivologia ser concebida como uma área do conhecimento independente da ciência da informação, o que traria novo rumo à sua configuração como disciplina no país.

Encerrando este capítulo e dando continuidade a essa reflexão, Marques apresenta um panorama de diversos autores que divergem sobre a existência de interdisciplinaridade entre a arquivologia e ciência da informação. Especula que isso se deve à própria mudança na configuração do objeto da arquivologia – do documento para a informação registrada – que a leva para uma nova percepção de seu quadro conceitual, mais próximo da ciência da infor-

mação, e que reforça os movimentos de disputa que se configuram no campo da informação, envolvendo as demais disciplinas.

Por fim, apresenta um quadro em que relaciona os paradigmas das disciplinas que compõem o campo da informação, salientando que a autonomia existente entre elas não deve resultar em isolamento. Ao contrário, pois para Marques a arquivologia se desenvolve em um “campo extradisciplinar”, conceito operacional inovador utilizado pela autora, baseado na obra de Morin (2005), para explicar a relação que a arquivologia estabelece com outras disciplinas em seu processo de formação e configuração, em seus diferentes meios de produção e comunicação científica.

No segundo capítulo, “A arquivologia no Brasil”, Marques passa a tratar propriamente das interlocuções entre o pensamento arquivístico internacional e o nacional e como isto propiciou a configuração científica da arquivologia brasileira. Inicialmente, como no capítulo anterior, quando tratou da arquivologia internacional, discorre sobre a trajetória da disciplina no Brasil, abordando instituições (de forma destacada, o Arquivo Nacional), os cursos de formação de arquivistas, a fundação em 1971 da primeira associação profissional – a Associação dos Arquivistas Brasileiros (AAB) – que passa a organizar o Congresso Brasileiro de Arquivologia (CBA), além de elencar os marcos da legislação arquivística. Destaca nessa trajetória as interlocuções internacionais, relacionando as visitas de professores e pesquisadores estrangeiros no Brasil, os participantes estrangeiros no CBA, a participação de brasileiros no Stage Technique International d’Archives (STIA), em cargos e representações em comitês no exterior e nos cursos da Organização dos Estados Americanos (OEA). Faz isso sem deixar de, paralelamente, contextualizar as interlocuções que a ciência no Brasil realizava com o exterior. Considerando o trajeto desenvolvido pela arquivologia nacional, conclui que ela se configura cientificamente no cenário brasileiro graças aos diálogos que consegue estabelecer com a comunidade científica internacional e, para ilustrar, apresenta um quadro em que sintetiza cronologicamente os avanços e marcos da institucionalização da arquivologia como disciplina no Brasil.

Encerrando o capítulo, Marques apresenta os resultados de sua década de pesquisa, com os dados tabulados que evidenciam as interlocuções entre a arquivologia nacional e a internacional, segundo as seguintes abordagens: obras arquivísticas no Brasil (destaque para um inédito inventário das obras arquivísticas estrangeiras traduzidas para o português); a produção científica sobre arquivo e arquivologia no Brasil; pesquisas com temáticas arquivísticas no Brasil; formação e atuação dos autores das pesquisas arquivísticas; formação e atuação dos orientadores e coorientadores das pesquisas arquivísticas; e grupos de pesquisa arquivísticos.

O livro de Marques preenche uma lacuna na agenda da pesquisa arquivística. Resultado de uma extensa pesquisa, realizada de forma minuciosa e com rigor metodológico louvável, auxilia a compreender o processo de configuração da arquivologia como disciplina, diferenciando-se por situá-la no campo da informação. Ao detalhar o caminho percorrido para a realização de sua pesquisa e os resultados obtidos, cumpre uma das principais razões de uma comunicação científica, que é permitir que outros pesquisadores que vierem a explorar

essa temática possam reproduzir o estudo. O leitor que busca obter conhecimento sobre os fundamentos que caracterizam a arquivologia como disciplina científica, os terá revelados – de forma explícita, desnuda – através desta obra.

## Referências bibliográficas

ABBOTT, Andrew. *The system of professions: an essay on the division of expert labor*. Chicago: Universidade de Chicago, 1988.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 156-183.

\_\_\_\_\_. *Science de la science et réflexivité: Cours du Collège de France 2000-2001*. Paris: Raisons d'agir, 2001.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

KNORR-CETINA, Karin D. The scientist as a socially situated reasoner: from scientific communities to transscientific fields. In: \_\_\_\_\_. *The manufacture of knowledge: an essay on the constructivist and contextual nature of science*. Oxford: Pergamon, 1981.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

WERNER, Michael; ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a história cruzada: entre a empiria e a reflexividade. *Textos de História*, Brasília, v. 11, n. 1/2, 2003.

---

Recebido em 30/4/2015  
Aprovado em 8/7/2015